

Europa: para além da crise, a esperança

PROF. ANDREA RICCARDI

Bruxelas 12 de maio de 2012, Bruxelas Square Meeting Centre

Juntos pela Europa

Caros amigos, não podemos esconder a crise da Europa, que está dentro de outras crises, a crise económica que aflige muitos países. Como sair dela? Não é o caso de falar em receitas. Mesmo se a mensagem que muitas vezes é veiculada nos dias de hoje é: consegue-se sair da crise sozinho, concentrando-se em si mesmo. Existe um fundo humano da crise, talvez a mãe das crises: a solidão de muitos europeus. É a condição de não poucas pessoas, quando muitas redes de convivência se dissolveram: os partidos políticos, as associações e a família. Hoje os europeus estão mais sós na vida e consideram-se mais sozinhos.

Além disto, encontramos-nos diante de uma cultura marcada pelo individualismo, que se repercute na vida pessoal, no trabalho e não só. A crise da ideia de um destino comum europeu coloca-se num quadro de crise da comunidade de vida e de destino. Isto tem consequências nos vários países. Uma destas – não a menos importante - é a falta de visão para o futuro. Existe uma incrível necessidade de visão. Porque as visões são as ícones de esperança a contemplar para não cair no pessimismo.

De facto, se uma conceção da vida toda individual pode ter momentos de exaltação ou de satisfação, o vazio do sentido comunitário gera um clima de pessimismo. Assim, nós, europeus, um tanto ensombrados, corremos o risco de renunciar a fazer a história: “passar na história sem a fazer” - escreve Jürgen Habermas - ou seja “retirar-se da história” - diz Bento XVI. Teme-se um mundo grande demais e complexo. Parece que se deva defender-se da história e do mundo. Esta foi a atitude depois do 11 de setembro de 2001, o dia dos terríveis atentados nos Estados Unidos. Devemos defender-nos de um inimigo e de uma história muito agressiva.

O filósofo francês, Alexandre Lacroix, interroga-se: “Somos como os romanos do império tardio, já no último capítulo da nossa gloriosa (e violenta) história? Hedonistas e cínicos, transgressores das leis e de Deus, incapazes de levar seja o que for a sério, além de nós mesmos, incapazes de nos projetarmos no futuro, preguiçosos e acomodados, superficiais e viciados, merecemos ser

ultrapassados por outros povos, mais jovens, mais ambiciosos, mais fortes?”. A Europa é um continente em declínio? Deixou de ser o centro do mundo num mundo sem centro.

Há uma vontade de nos redimensionarmos para estarmos bem conosco mesmos, e recuperar as fronteiras. É uma ilusão. A maioria dos países europeus, não poderão enfrentar sozinhos os desafios globais, a crise económica, o confronto com os gigantes asiáticos. Que ninguém se iluda. Se estivermos juntos, os países europeus serão *quantité négligeable*. Desta forma, os nossos valores diluir-se-ão nas correntes da globalização: será uma perda para o planeta em liberdade e humanismo.

Não podemos resignar-nos à decadência. O encontro de cristãos em Bruxelas é um sinal forte: “Juntos pela Europa”. Estamos há cinquenta anos do Vaticano II. Recordamo-lo não porque somos velhos nostálgicos. O Concílio permanece o alimento de uma visão do futuro. No dia 11 de outubro de 1962, ao abrir o Vaticano II, um homem de 80 anos, João XXIII, disse palavras de esperança:

“Muitas vezes ouvimos vozes que dizem... não somos capazes de ver senão ruínas e estragos. Que dizem que os nossos tempos, se comparados com o passado, são piores. Parece-nos dever discordar destes profetas de fatalidades. Na atual situação dos acontecimentos humanos, no qual a humanidade parece entrar numa nova ordem de coisas...”

Também nós, cinquenta anos depois, discordamos dos profetas de fatalidades: em relação ao declínio europeu e em relação ao facto que a cultura individualista deva inexoravelmente prevalecer. Entre o Concílio e a União Europeia existe uma ligação estreita. O Vaticano II foi, desde 1945, o primeiro evento paneuropeu, que reuniu bispos das duas partes, não obstante a guerra fria. Além disso projetou – bem antes que se falasse de globalização -- os cristãos europeus no mundo e inaugurou o ecumenismo.

O Vaticano II é uma lembrança de esperança. A esperança não negocia com o pessimismo. Não podemos aderir ao “salve-se quem puder” do espírito da decadência. Quem crê é chamado a “agarrar-se fortemente à esperança que nos é proposta [...] como [a] uma âncora segura [...] para a nossa vida” -diz a *Carta aos Hebreus*. Os cristãos são o povo da unidade e da esperança.

A unidade. Penso nas nossas histórias. Cada movimento é um sonho de universalidade e de unidade. Os movimentos são diferentes não para dividir, mas para unir. Chiara Lubich, uma senhora que nunca perdeu a esperança, dizia: na unidade, mesmo se não é religiosa, encontra-se sempre a nossa alma. Na unidade existe uma alma cristã e profundamente humana. Nós seremos aqueles que se resignam, sem alma, diante do desfranjamento da comunidade a todos os níveis?

A resposta é colocar-se ao serviço de um sonho de unidade: viver e comunicar a esperança. A maior pobreza europeia é a falta de esperança. A história chama-nos a viver tempos complexos e difíceis. Não terríveis, não desesperados. Pode-se ainda agir, mudar. Se existem graves motivos de

preocupação, também pelo sofrimento de tantos países europeus em crise económica, deve-se gerar um clima de simpatia e de solidariedade, um sentido do destino comum deve ressurgir, devem renascer redes sociais.

S. Paulo escreve aos Romanos: “A esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações ...”. Nas dificuldades o nosso pode ser o tempo da esperança, capaz de fazer emergir o que há de melhor: “Se estivermos unidos teremos um futuro, faremos o bem ao mundo e a nós mesmos”. Mas quem somos nós? Cada um é sempre pequeno diante das solicitações da vida. Dizia Hillel, mestre hebreu do tempo de Jesus: “Quando os homens falham, esforça-te tu por ser homem!”. Quando os homens e as mulheres da unidade faltam, esforcemo-nos nós em sê-lo com esperança. Assim, a cultura da unidade, vivida, pensada, comunicada, pode regenerar a alma na nossa Europa.

Sito ufficiale: www.together4europe.org

Press Office - press@together4europe.org

Umberta Fabris cell. +39 348 8563347 viledi.fabris@focolare.org

Benjamim Ferreira cell. +39 348 4754063 benjamim.ferreira@focolare.org